




Organizadores:

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda
Luiz Antônio Araújo Gonçalves
Antônio Jerfson Lins de Freitas



**Trajetórias de pesquisadores e
os estudos das cidades médias
em perspectiva**



Série
Território
Científico

SER
TÃO
CULT



Virginia Celia Cavalcante de Holanda é graduada e Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Realizou Estágio Pós-Doutoral na linha de Pesquisa Dinâmica urbana e regional junto ao Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), onde desenvolveu pesquisa: “O Papel da Interiorização do Ensino Superior no espaço Urbano e Regional das cidades médias do Nordeste Brasileiro”. Bolsista Produtividade em Pesquisa da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), para o período de novembro de 2020 a novembro de 2022.



Luiz Antônio Araújo Gonçalves é bacharel e licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, mestre e doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia - PROPGeo/UECE. Realiza Estágio Pós-Doutoral na linha de Pesquisa - Natureza, campo e cidade no semiárido junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Foi Coordenador adjunto do Mestrado Acadêmico em Geografia - MAG/UVA e Pró-Reitor de Extensão e Cultura da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Atualmente é Professor Adjunto dos Cursos de Geografia (Bach. e Licenc.) e do MAG/UVA.



Antônio Jerfson Lins de Freitas é graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará – UFC (2007) e em História – Licenciatura Plena pela Universidade Estadual do Ceará – UECE (2004). Técnico em telecomunicações pelo Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (CEFET-CE, atual IFCE). Especialista em Docência do Ensino Superior. Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA (2019). Cursa segunda licenciatura em Geografia pela Faculdade Estácio do Ceará. Atualmente coordena o conselho editorial da Editora SertãoCult.

Organizadores:

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda
Luiz Antônio Araújo Gonçalves
Antônio Jerfson Lins de Freitas

Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva



Sobral-CE
2022



Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva

© 2022 copyright by Virginia Célia Cavalcante de Holanda; Luiz Antônio Araújo Gonçalves; Antônio Jerfson Lins de Freitas. (Orgs)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial de Geografia

Alberto Pereira Lopes
Carlos Alberto de Vasconcelos
Iapony Rodrigues Galvão
Otávio José Lemos Costa
Paulo Rogério de Freitas Silva
Sandra Líliliana Mansilla
Telma Bessa Sales
Wendel Henrique Baumgartner

Revisão

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Diagramação

João Batista Rodrigues Neto

Capa

João Batista Rodrigues Neto

Catálogo

Leolph Lima da Silva - CRB3/967



T768 Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva. / Organizado por Virginia Célia Cavalcante de Holanda, Luiz Antônio Araújo Gonçalves, Antônio Jerfson Lins de Freitas. – Sobral-CE: Sertão Cult, 2022.

262p.

Série Território Científico, v.02.
ISBN: 978-85-67960-88-3 - papel
ISBN: 978-85-67960-89-0 - e-book em pdf
Doi: 10.35260/67960890-2022

1. Geografia urbana. 2. Cidade Média. 3. Território e Pesquisadores. I. Holanda, Virginia Célia Cavalcante de. II. Gonçalves, Luiz Antônio Araújo. III. Freitas, Antônio Jerfson Lins de. IV. Título.

CDD 910.130776



Este e-book está licenciado por Creative Commons

Atribuição-Não-Comercial-Sem Derivadas 4.0 Internacional

Prefácio

Prefácio? E o que é um prefácio? Fiz e refiz muitas vezes essa indagação. Homenagens? *Bah!* Sobreviver tem sido o lema na pandemia. Esta indagação levou a várias considerações e reafirma a nossa forma de sobreviventes no percurso. Devemos todos receber as maiores homenagens possíveis. E todos sabem o porquê.

Nos dicionários, prefácio é um dito antes (*fatio-prae*), texto que precede a obra, introdutório, curto, com o intuito de preparar o leitor para o que encontrará e com o que se deleitará. É uma escolha. Aqui ele será pelos autores, entrevistados e entrevistadores, principalmente pela afirmação do compromisso com o conhecimento vivo e diverso na compreensão da cidade no urbano e do urbano na cidade.

Ainda na significação do prefácio, diz-se que *utilizá-lo é para tentar seduzir à leitura*, o que torna uma oportunidade de ler o *Trajatórias* como continuidade de um trabalho de longa duração, expressa em agenda do Grupo de Estudo sobre Questões Teóricas e Metodológicas na Pesquisa das Cidades Médias e Pequenas e das atividades do *Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais (LEURB)* no Mestrado em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), levado adiante no ano de 2020 e realizado através de plataforma digital, gravado e transformado em forma de livro. Esta é uma experiência coletiva extraordinária.

Da feitura do *Trajatórias*, depreende-se como a precarização da atividade acadêmica revela os ufanismos no tempo pandêmico: “os professores precisam se reinventar”, “os professores precisam se adequar para ensinar por meios virtuais”. A produção coletiva, aliada à potência da imagem viva (e falada) com os minutos de fama da *Web*, redefiniu a agenda e a continuidade das trajetórias se fez em exame.

Não obstante, as condições necessárias e indispensáveis para o uso de tecnologias nas pesquisas e no ensino são sempre admiradas e com capilaridade variada nas instituições educacionais. A capacidade dos sujeitos do conhecimento diante das adversidades e a empatia perante as relações docente-discente e nas tarefas orientador-orientando conduziu todos nós a uma reprodução ampliada do conhecimento, com a criação de canais de *Web*, *lives*, jornadas, conversas, entrevistas, defesas e muita divulgação científica, como esta aqui, se multiplicando num turbilhão incoerente.

E tais encontros virtuais já se realizam há muito tempo (ao menos há 15 anos), em exames de qualificações, defesas de mestrado e doutorado e orientações. Nesse período, as experiências da Universidade Aberta do Brasil (UAB) contribuíram para a implantação de cursos de graduação à distância, sobretudo de Matemática, Pedagogia e Letras. Muitos dos recursos foram aprimorados nessa experiência de UAB. As plataformas abertas *Moodle* e *Sigaa* demonstram funcionalidades que carecem de ajustes.

Com isso, os abusos do uso de recursos tecnológicos e a fragilidade das políticas educacionais de tecnologia para ampliação de recursos humanos qualificados e para preparação de equipamentos de qualidade não abalaram os esforços da grande maioria dos colegas professores em aulas, palestras, defesas e debates. Afinal, o uso de plataformas digitais tem sido o *mister* dos docentes e pesquisadores antes e durante o ano de isolamento em 2020.

De sorte que poderia dizer: conheço essa turma. Quer dizer, conheço a maioria dos entrevistados e entrevistadores. E conheço por estar convivendo na mesma temporalidade e por fazer parte de uma geração de professores de Geografia que entendeu ser partícipe em contribuir para estruturar o ensino de pós-graduação e a pesquisa no país, atendendo ao chamado dos órgãos de fomento, sobretudo Capes e CNPq e as agências estaduais de pesquisas. As entrevistas, realizadas entre maio e novembro de 2020, chegam-nos em forma de texto e reforçam os seus conteúdos e objetivos sobre si como sujeito e sobre os objetos de pesquisa.

Alguns conheço *mais de perto*, dos tempos da graduação na Universidade Estadual do Ceará (UECE) ou da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB), ou ainda, por ocasião do mestrado ou do doutorado nas décadas de 1980-90. Com uma delas cheguei até a casar e, na *pequenina* Paraíba, criar

raízes. Sim! Como esquecer as paixões do conhecimento? Como esquecer os ânimos exaltados e os momentos tensos de debates de pesquisa, das contradições, das vontades e onde o inesperado causa uma surpresa?

Não pude deixar de notar - e anotar - que duas das entrevistadas compuseram a minha banca de doutoramento. O que posso dizer hoje é que fazemos pesquisa até ontem. Com uma delas, em especial, aprendemos a luta política e institucional da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB), para “promover e estimular o estudo da geografia”, *uma* das finalidades da AGB. E bem que se diga que a grande maioria presente no *Trajétórias* foi ou está envolvida com esta cachaça chamada AGB, uma espécie de *cruzada agebeana de difusão da geografia*.

Sem pesquisa de campo não se pode falar. Assim, nos aparece uma referência ao Maoísmo da Geografia Francesa, quando se recorda a ambiência da experiência de formação. Este conteúdo exposto no *Trajétórias*, a dinâmica do debate e de seus resultados, pode ser visto tanto como um diálogo sobre a educação intuitiva e inconsciente da comunicação dos sentidos, como uma linguagem estética aprendida pelo estado de exceção pandêmico. E, sem dúvida, como uma riqueza de depoimentos para o estudo das cidades e do urbano. Estar presente no *Trajétórias* é dividir o pano, as varandas e os punhos dessas redes de estudos sobre a cidade e sobre o urbano, partícipe na construção da pesquisa colaborativa.

Certamente poderia qualificar tais trajetórias no âmbito da História da Educação e num amplo campo configurado como práticas escolares. Entrevistas de ou sobre trajetórias nos fornecem rico material de pesquisa para as práticas escolares e são sínteses dos modelos de formação de professores nas instituições às quais estão vinculados. É dessa maneira que as práticas escolares são renovadas; seja pelas trocas de experiências internas aos grupos de pesquisa, seja pela investigação dos conhecimentos. No aspecto geracional, corresponde às *trocas de figurinhas*, que são as conversas, as derivas nos cafés, nas aulas; nas indicações e sugestões de temas, nas orientações, ajustes e desencontros que se operam na intersubjetividade, entre lares (ou hotéis) e bares.

A exposição das trajetórias de pesquisa, em todos os depoimentos, sem exceção, nos mostra que a prática da Geografia tem sido a formação

de professores; de que “*a prática do geógrafo tem sido o ensino de geografia*”. E, em que pese uma ou outra interpretação em relação aos conceitos e categorias das Ciências da Educação, todos são ou estão envolvidos com currículos, programas, conteúdos, avaliações etc. Tomar contato e adentrar nas experiências de cada um através dos relatos da institucionalidade da pesquisa e da formação profissional, dos entraves da instituição e do ensino é ver e olhar o entusiasmo, o contexto e a atuação em seus respectivos anos de formação. E, como síntese, os resultados: capacidade de auto-organização e condições de trabalho.

Isto posto, os percursos revelados pelos colegas entrevistados se encaixam, como disse, na História da Educação e nas práticas escolares. As dimensões práticas da convivência das pesquisas dos grupos e das pesquisas individuais nos cursos de graduação e pós comportam formas variadas de convivência, pois carregam as contradições das instituições. Portanto, fixá-la na dimensão da história e da educação nos permite sustentar que as pesquisas levadas a cabo pelos grupos aqui expostos é o estudo da cidade e do urbano como um tema subjacente ao trabalho docente com a dupla finalidade: deleitar e ensinar, tão afeitas à poesia homérica.

A despeito disso, revelam a compreensão diversificada das temáticas e a relevância do assunto, seja por amor lefebvriano (ou legoffiano) às cidades, seja por viver suas plenitudes. Agradável constatar, de soslaio, nas trajetórias, a hipótese de que o trabalho coletivo induz suplantando os provincianismos diante da monumentalidade cidadina. Os relatos são repletos da própria história do crescimento e expansão do trabalho da ReCiMe e dos grupos de pesquisa que o transitam, o que certamente se poderia escrever um quase-tratado.

Neste caso aqui, o recorte com tesoura e tesouradas da leitura se deu através das experiências individuais e educativas que nos contam sobre suas preferências, aportes teóricos e posturas profissionais e, sobejamente, sobre parte expressiva da Geografia Urbana brasileira nos últimos 40 anos.

Por fim, não é exagero dizer que provocar o leitor com leituras críticas do *Trajétórias* é um tanto fora de propósito. Em cada uma das trajetórias, um ou mais métodos de pesquisa, uma ou mais abordagens teóricas da ciência e da educação são expostos e refeitos. Por óbvio, muitas das ques-

tões colocadas são autoexplicativas para a análise do Brasil urbano. E, como tais, são lideranças acadêmicas exercidas por mulheres (ao menos na ReCiMe) que são as mais capacitadas e aquinhoadas com as qualidades para exercer e porque os demais as qualificam para que a Geografia Urbana produzida seja um *vir-a-ser*.

Prof. Dr. Carlos Augusto Amorim Cardoso

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

A série Território Científico

O que nasceu como uma tentativa de aproximar pesquisadores de diversas áreas, de mobilizar os membros do Conselho Editorial da SertãoCult na elaboração de um material que exprimisse a capacidade da editora em produzir obras com qualidade técnica e com relevância acadêmica, tornou-se um sucesso logo em sua primeira edição.

Após o lançamento do volume *Diálogos sobre a Ditadura*, que reuniu alguns dos maiores pesquisadores sobre a temática no Brasil, a série *Território Científico* chega ao seu segundo volume elaborado a partir de uma parceria com os profissionais ligados ao Seminário da Rede de Pesquisadores sobre as Cidades Médias (ReCiMe). Eis a obra *“Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva”*.

É gratificante concluirmos mais esta contribuição para a comunidade científica, apresentando as trajetórias de algumas das maiores referências da Geografia Urbana brasileira, que no contexto da pandemia da Covid-19 ficaram tão fisicamente distantes, mas nunca tão próximos, unidos através da tecnologia, que permitiu a troca de experiências com colegas de diferentes regiões do país.

Passados alguns meses da realização das entrevistas, finalmente a pandemia dá mostras de arrefecimento. O isolamento que tanto nos custou, começa a dar lugar a reencontros presenciais e estas entrevistas, mais do que um relato de experiências de pesquisa, passam a compor um registro histórico de como a crise sanitária afetou toda a nossa sociedade.

Se a produção científica segue sendo alvo de constantes ataques e aqueles que se dedicam a ela ainda são encarados quase como inimigos do Estado, é mais do que pertinente, mas necessário que todos aqueles

que acreditam na educação, na ciência, no conhecimento se unam e abracem projetos que busquem aproximar essa produção e o público em geral.

Mais um livro se junta à nossa série, nos deixando ainda mais orgulhosos e empenhados em nossa defesa incondicional da ciência.

Que venham os próximos volumes!

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Marco Antônio Machado

Coordenadores da Série Território Científico

Apresentação

O livro *“Trajetórias de Pesquisadores e os Estudos das Cidades Médias em Perspectiva”* é resultado das atividades do Grupo de Estudo sobre Questões Teóricas e Metodológicas na Pesquisa das Cidades Médias e Pequenas. O Grupo se formou no contexto da pandemia da Covid-19, no ano de 2020, quando colegas que já desenvolviam estudos ou orientavam temas nessas escalas de cidades, participantes do Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais (LEURB), do Curso de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), decidiram manter o vínculo com alunos e professores de diferentes instituições de forma interativa, utilizando o *Google meet* para viabilizar o diálogo.

Nesse momento sendo também fundamental que se mantivessem ativas as conversas iniciadas no Seminário da Rede de Pesquisadores sobre as Cidades Médias (ReCiMe), em dezembro de 2019, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e que seriam alinhadas em um evento em Sobral, programado para a última semana de maio de 2020, que contaria com a presença pesquisadores da ReCiMe em mesas redondas, conferências, trabalho de campo e reuniões de trabalho com o grupo do LEURB.

Da conjugação dessas necessidades, planejamos apresentar aos nossos alunos o pensamento de pesquisadores amplamente reconhecidos pelos estudos das cidades médias brasileiras, a aproximação indo das leituras de suas publicações, aos diálogos profícuos amparados nas trajetórias destes pesquisadores. Nesse sentido, somos gratos aos professores convidados que, embora envolvidos em muitas atividades, atenderam ao nosso convite e aceitaram participar das conversas em forma de entrevistas e a organização destas para publicação em e-book, numa linguagem coloquial pela espontaneidade das falas, permitindo que outros interessados tenham

acesso aos depoimentos tão inspiradores e carregados muitas vezes de uma mistura de razão e emoção.

Nessa toada, buscamos a valorosa adesão da ReCiMe, em conversas com o professor William Ribeiro da Silva e com a professora Doralice Sátyro Maia que, além do acolhimento à nossa ideia, participaram como entrevistados. Os demais colaboradores entrevistados foram: Maria Encarnação Beltrão Sposito, Rita de Cássia da Conceição Gomes, Zenilde Baima Amora, Antônio Cardoso Façanha, Wagner Vinicius Amorim, Beatriz Ribeiro Soares, Maria José Martinelli Silva Calixto e Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior. Tivemos também a alegria de contar com o querido Professor Carlos Augusto Amorim Cardoso que nos honrou com o prefácio dessa obra.

A atividade contou com o apoio da *Editora SertãoCult*, que incentivou as gravações das entrevistas dentro do projeto *Território Científico*, que ofereceu suporte a outras publicações no mesmo formato, no âmbito das Ciências Humanas da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) no ano de 2020, com publicações no formato e-book e possibilidade de acesso impresso atendida por demanda.

Por fim, consideramos que a experiência em mobilizar tantos pesquisadores que estudam diferentes cidades médias no território brasileiro foi exitosa. Mas também por conseguimos ampliar os horizontes dos nossos estudantes e contribuímos com a formação universitária e fortalecimento do conhecimento acadêmico num ano tão atípico. Por isso estamos felizes e gratos!

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Antônio Jerfson Lins de Freitas

Organizadores

Sumário

Doi: 10.35260/67960890p.16-57.2022

Dialogando, pensando e aprendendo com a trajetória de uma pesquisadora.....16

Prof.^a Maria Encarnação Beltrão Sposito
Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Doi: 10.35260/67960890p.58-74.2022

Os desafios da formação e atuação de uma pesquisadora.....58

Prof.^a Rita de Cássia da Conceição Gomes
Prof.^a Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Doi: 10.35260/67960890p.76-99.2022

Experiências acadêmicas e de pesquisa sobre as cidades médias cearenses.....76

Prof.^a Zenilde Baima Amora
Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Doi: 10.35260/67960890p.100-113.2022

Levantando problemáticas de pesquisa: um convite para pensar a cidade e o urbano no Nordeste brasileiro.....100

Prof. Antônio Cardoso Façanha
Prof. Francisco Clébio Rodrigues Lopes

Doi: 10.35260/67960890p.114-130.2022

Os caminhos da formação e da pesquisa, tecendo uma trajetória.....114

Prof. Wagner Vinicius Amorim
Prof.^a Glauciana Alves Teles

Doi: 10.35260/67960890p.132-146.2022

Dividindo as múltiplas experiências de pesquisa e planejamento em cidades mineiras.....132

Prof.^a Beatriz Ribeiro Soares
Prof. Antônio Cardoso Façanha

Doi: 10.35260/67960890p.148-179.2022

**Desafios, práticas e saberes sobre as cidades médias:
um olhar a partir de Mato Grosso do Sul.....148**

Prof.^a Maria José Martinelli Silva Calixto

Prof.^a Glauciana Alves Teles

Doi: 10.35260/67960890p.180-199.2022

**Sobre escolhas e construção de caminhos, aprendendo com uma
narrativa singular.....180**

Prof.^a Doralice Sátyro Maia

Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Doi: 10.35260/67960890p.200-229.2022

**Aprendendo sobre as cidades médias e pequenas da Amazônia
brasileira.....200**

Prof. Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior

Prof. Francisco Clébio Rodrigues Lopes

Doi: 10.35260/67960890p.230-255.2022

Um panorama dos estudos das cidades médias em debate.....230

Prof. William Ribeiro da Silva

Prof.^a Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Índice remissivo.....257

Doi: 10.35260/67960890p.76-99.2022



Zenilde Baima Amora é graduada em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (1968) e mestre em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1978). Coursou doutorado em Geographie et Aménagement du Territoire na Université de Toulouse II - Le Mirail (1984). Atualmente é professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia-PROP-GEO, orientando dissertações e teses. Lidera dois Grupos de Pesquisa certificados pela UECE e pelo CNPq: Cidades Médias e Metropolização, Mobilidade e Redes: perspectivas sobre o Espaço urbano no Ceará. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Urbana e Regional, atuando principalmente nos seguintes temas: Espaço, Espaço Urbano, Mobilidade, Metropolização, MetrÓpole, Cidade Média, Rural-urbano, Indústria, Serviços e Ensino de Geografia.

Experiências acadêmicas e de pesquisa sobre as cidades médias cearenses¹

Prof.^a Zenilde Baima Amora²

Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves

Prof. Luiz Antônio Araújo Gonçalves (UVA): Professora Zenilde, essa é uma pergunta formal que sempre trazemos, mas é muito importante que registremos: como a Geografia contribuiu para a formação da Zenilde como pessoa, como profissional, como geógrafa, como formadora?

Prof.^a Zenilde Baima Amora (UECE): Agradeço o convite para participar como entrevistada no evento *Trajetórias de Pesquisadores e os Estudos das Cidades Médias em Perspectivas*, organizado pelos professores Virgínia Célia Cavalcante de Holanda, Luiz Antônio Araújo Gonçalves, Glauciana Alves Teles e Francisco Clébio Rodrigues Lopes, do Curso de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Sou grata, portanto, não por mera formalidade, mas de coração e com muito carinho.

Em princípio, reitero um agradecimento especial à professora Virgínia, ex-orientanda, que me atribuiu, gentilmente, a responsabilidade por seu interesse em estudar as cidades médias, mas que, na verdade, foi ela que me despertou, novamente, esse interesse quando me procurou para orientar sua Dissertação de Mestrado sobre a cidade de Sobral.

1 Entrevista realizada via *Google meet* em 26 de junho de 2020.

2 Professora da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Neste começo de fala, faço, também, referência à minha relação com a Geografia da UVA, com a qual tenho procurado contribuir desde que instituído o curso de graduação. Esse meu vínculo foi se ampliando, de modo que me tornei professora colaboradora com a posterior institucionalização do Mestrado Acadêmico em Geografia (MAG). Outra atividade conjunta, sendo a parceria entre o Laboratório de Estudos Urbanos e da Cidade (LEURC) e o Núcleo de Estudos Urbanos e Regionais (NEURB), na época coordenado pela Virgínia, e que rendeu muitos frutos.

O que expressei até agora foi de ordem mais formal, mas existe uma relação com os professores da Geografia da UVA que é também afetiva. Tenho quatro ex-orientandos e orientandas que são professores dessa Instituição, e que se tornaram parceiros e amigos. Por ordem de orientação e de tempo de conhecimento: Virgínia Holanda, Martha Júnior, Glauciana Teles e Luiz Antônio Gonçalves. Os dois últimos foram contemporâneos.

Quero falar um pouco de minha condição atual. Estou aposentada, mas continuo participando da Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará (PROPGEO/UECE). E, também, continuo em atividade no Laboratório de Estudos Urbanos e da Cidade (LEURC), dividindo com o professor Wagner Amorim a sua coordenação. Desse modo é com muito carinho que falo do LEURC, por ser este um espaço que já tem história e demonstra a todo tempo a importância de se estudar a cidade e o urbano na perspectiva como o fazemos. O LEURC tem uma grande representatividade em nossas vidas, ou seja, dos que fazem a Geografia Urbana na UECE.

Essa é, como dito, minha situação hoje; mas agora respondo a uma pergunta que me foi formulada, sobre a minha trajetória acadêmica. Terminei o Curso de Licenciatura em Geografia em 1968 e o Bacharelado em 1970, na Universidade Federal do Ceará (UFC). Expresso um pouco acerca da atmosfera na qual me formei e do que era a Geografia naquele momento. Talvez para os mais jovens, esse seja um tempo muito distante, contudo considero importante pensar esse momento, para que, inclusive, façamos uma vinculação com o tempo atual. Devo dizer que concluí a graduação (Licenciatura) em um período conturbado, da Ditadura Militar no Brasil. Em 1968, ano em que me formei, foi também editado o Ato Institucional Nº 5, o famigerado AI-5, exatamente no mês de dezembro, que coincidia com a colação de grau dos estudantes universitários que se formavam naquele

ano na UFC. Ficou para mim uma forte lembrança daquele ano, pois era para acontecer a cerimônia na Concha Acústica da Universidade Federal do Ceará, mas, em face ao decreto federal, a cerimônia foi cancelada. Assim, tivemos que cumprir a formalidade de colação de grau, cada curso separadamente, em uma sala comum, onde os formandos assinavam o diploma, dispersando-se em seguida, como recomendado.

Em 1998, a despeito do ocorrido, nós tivemos a nossa colação de grau na Concha Acústica, evidentemente, uma cerimônia simbólica, e que rememorava aquela que não aconteceu. O orador, na época formando de Odontologia, havia guardado o discurso, de modo que, então, pôde lê-lo trinta anos depois. Em grande parte, os concludentes de 1968 compareceram ao evento, uma vez que muitos continuavam ativos e trabalhando. Os formandos de 1968 que foram à Concha Acústica tiveram a oportunidade de se lembrar de um ano que não terminou (usando-se uma expressão de Zuenir Ventura) para nós que éramos jovens naquela época. Então, o orador de 1968 leu o discurso, que havia escrito, somente trinta anos depois. E, por incrível que pareça, sua fala se mantinha bastante atual.

Essa foi a atmosfera na qual me formei. Hoje temos muitas referências daquele ano. Muito já se escreveu sobre 1968, mas, no momento, relembro um livro que li e do qual gostei muito, escrito pela filósofa Olgária Matos, e que tem por título *As barricadas do desejo*³. A obra cuida dos movimentos de 1968, que ocorreram em vários países, principalmente na França, e retrata os sonhos não realizados mundo afora. No Brasil, o 1968 ensejou também uma série de mudanças nos costumes, com os movimentos feministas e a busca por mais liberdade, ao mesmo tempo que se lutava contra a ditadura militar. A juventude tinha, assim, uma dupla jornada: de um lado, a peleja pelas transformações que o mundo estava querendo e, por outro, a luta política, porque vivíamos uma ditadura militar.

E a Geografia? Poderíamos discorrer muito tempo sobre a nossa disciplina, mas vou começar por sua história, o seu início como curso superior no Ceará. A Geografia, como disciplina acadêmica surgiu na antiga Faculdade Católica de Filosofia, não de forma independente, mas em conjunto com o curso de História. Somente em 1963, foi criado o Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará, vindo a formar sua primeira

3 MATOS, Olgária C. F. *Paris 1968: As Barricadas do Desejo*. Brasiliense, 1981.

turma em 1966. É interessante ressaltar que, naquele momento, se falava em preparar geógrafos que deveriam atuar no mercado de trabalho, além da formação de professores de Geografia. Isto porque estávamos vivendo no Brasil, e no Ceará em particular, um período marcado pelo ideário desenvolvimentista, com a implementação de políticas de investimento em infraestrutura (rede de estradas, de telecomunicação, melhoria do porto de Fortaleza etc.). E, nesse contexto, o Estado desenvolvia ações direcionadas ao planejamento, abrindo, assim, perspectivas para a participação de geógrafos, sobretudo no desempenho de tarefas, a exemplo de propostas de regionalização do Ceará. É desse período a criação da Superintendência de Desenvolvimento do Estado do Ceará (SUDEC), órgão que contou com a participação dos nossos professores, ou seja, que ministravam aulas no curso recém-criado, e que ao mesmo tempo, assessoravam a área de Geografia nesse órgão estadual. Alguns deles tinham feito doutorado na França, o que repercutiu em um ensino de Geografia com intensa influência de autores franceses em nossa formação, entre os quais menciono: Pierre George, Beaujeu Garnier, Demangeont, Derruau, Tricart, Bernard Kayser entre outros. O último foi meu orientador de doutorado. Eram esses os autores que líamos e que inclusive estão sendo hoje muito consultados. A Geografia no Ceará começou, então, nesse contexto que estou falando para vocês; e, mais tarde, em 1975, foi instituído outro curso de Geografia, em Fortaleza – o da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Esse foi mais ou menos o clima, ou seja, a ambiência da minha formação como geógrafa. Depois desse momento de formação, fui para São Paulo para cursar o mestrado na USP, haja vista que os cursos de mestrado e de doutorado, no Brasil, só existiam, naquele tempo, em São Paulo e Rio de Janeiro. Em São Paulo, vivenciei o início da transição de uma Geografia dita *tradicional* para uma Geografia mais crítica. Minha dissertação de mestrado versou sobre a indústria em Fortaleza, em face a política de incentivos fiscais da SUDENE. Foi, portanto, um trabalho modesto mas que tenho a satisfação de informar que serviu de referência para posteriores estudos, na área de Geografia, mormente tratando da indústria no Ceará. Em São Paulo, também, me aproveitei da riqueza cultural propiciada por um grande centro urbano, embora vivendo em condições financeiras muito reduzidas. Quando tinha tempo e sobrava um pouco de dinheiro ia a cinemas, teatros, museus, exposições, além de idas constantes a livrarias. Faço questão de

frisar esse aspecto, porque considero a arte como parte da nossa vida e da nossa formação. Não tem como fazer Geografia sem interesse pelo cinema, teatro e literatura, portanto, acho que é fundamental a arte na nossa disciplina Geografia. Outro aspecto da minha trajetória acadêmica e profissional, que ora comento, diz respeito à relação com o ensino. Já havia iniciado essa atividade no Ceará quando fui para São Paulo. E lá, enquanto aguardava uma bolsa da CAPES, com a qual, felizmente, fui contemplada, tive a experiência de lecionar em escolas públicas estaduais, o que constituiu mais um aprendizado no tempo de permanência naquele Estado brasileiro.

Quanto ao doutorado, cursei na França, quando já havia ingressado como professora no Curso de Geografia da UFC, portanto, em uma situação bem mais tranquila porque contei, mais uma vez, com o apoio da CAPES por meio de uma bolsa de estudos.

Volto a comentar acerca da vida profissional. Comecei – e faço questão de isto frisar – como professora do Ensino Primário, como era chamado na época em que ingressei no magistério, hoje o Fundamental I. Em seguida, dei aulas no Ensino Médio até chegar à condição de docente na Universidade. Nesse ínterim, trabalhei em órgãos governamentais, no caso, a Secretaria de Planejamento do Estado do Ceará e Secretaria de Obras Públicas, também estadual.

Refiro-me à minha experiência no Ensino Fundamental e Médio porque, em geral, os nossos alunos não entendem bem a importância em começar a vida profissional como docentes nesses níveis de ensino, e já pensam em começar suas carreiras como professores universitários. Essas etapas foram muito importantes para mim, de modo que eu recomendo essa experiência aos jovens. Mesmo depois de professora do Ensino Superior, mantive contato com a escola de Ensino Fundamental e Médio, ao ponto de me tornar autora de livro didático. Sou coautora do livro *Construindo o Ceará*⁴ e que atualmente se intitula Ceará: Geografia, porque continha, de início, conteúdos de Geografia e História, sendo depois desmembrado. O livro foi adotado em escolas de Fortaleza e outros municípios cearenses. E, para concluir, sobre esse ponto, intento reforçar a importância da Geografia em todos os níveis de ensino.

4 SILVA, J. B.; AMORA, Z. B.; SILVA, A. C.; CAVALCANTE, T. *Construindo o Ceará - Geografia* (Livro do estudante). 7. ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2015.

Ainda me reportando à experiência profissional, retorno ao assunto da minha passagem pela Secretaria de Planejamento do Estado do Ceará. Foi uma rica experiência, mas que demorou pouco, porque, ao cabo de alguns anos, optei pela Universidade, ao fazer concurso para professora na UFC onde lecionei até a primeira metade dos anos 1990. O tempo em que permaneci trabalhando como geógrafa no Estado foi também importante aprendizado. Tive efetivo contato com a máquina administrativa e com muitos colegas das mais diversas áreas. Ao compartilhar tarefas com profissionais de outras searas, percebi a nossa capacidade, como geógrafos, de contribuir em pé de igualdade com outros profissionais. Às vezes, os nossos alunos se reportam ao respeito pela Geografia pelo fato de ser esta uma área, segundo eles, talvez com menos *status*, mas respondo que, na minha experiência, não passei por esse problema. Muito ao contrário, tenho dessa época boas recordações, além de ter contribuído com meu trabalho, aprendido muito e reforçado a importância da Geografia no âmbito das atividades dirigidas à prática do planejamento.

Ainda nos anos de 1990, cheguei à Universidade Estadual do Ceará (UECE), e expressei que essa nova experiência, apesar de ter trabalhado um bom tempo na Universidade Federal do Ceará, foi bem mais abrangente, posto que, desde então, passei a atuar na pós-graduação. O primeiro curso de pós-graduação em Geografia criado no Ceará foi o Mestrado Acadêmico em Geografia (MAG) da Universidade Estadual do Ceará. Foi institucionalizado em meio a uma transformação que acontecia na UECE com o incentivo à pesquisa e à pós-graduação, impulsionado com a chegada, à Reitoria, do professor Paulo de Melo Jorge Filho – Paulo Petrola. A pós-graduação tomou novo impulso com a contratação de professores doutores aposentados da UFC, entre os quais me situava. Desse modo, mesmo aposentada pela UECE, ainda me mantenho na pós-graduação, reforçando a satisfação e o orgulho em pertencer à Universidade Estadual do Ceará.

Prof.^a Virgínia Célia Cavalcante de Holanda (UVA): Obrigada, professora Zenilde, por dividir conosco cada “pedaço” de sua trajetória acadêmica e profissional. Gostaríamos de ouvir sobre as suas experiências nos estudos das cidades médias.

Prof.^a Zenilde: De um modo geral, tenho me interessado, no âmbito dos estudos urbanos, tanto pela escala da metrópole quanto a que compreen-

de as cidades médias. O interesse pela metrópole começou ainda com o desenvolvimento da minha dissertação de mestrado, quando comecei a vislumbrar a expansão da metrópole Fortaleza, com a criação do I Distrito Industrial do Ceará, em Maracanaú. Embora o meu objeto de estudo tenha focado a indústria incentivada, que ainda se concentrava em Fortaleza (anos 1970), já havia indícios do processo de metropolização que se configurou nas décadas seguintes.

Em relação às cidades médias, acho que você, Virgínia, como eu já disse, tem uma boa participação no meu envolvimento com essa temática. Foi minha primeira orientanda a pesquisar sobre essa temática. Com efeito, eu já vinha cogitando em expandir minha área de pesquisa, de modo a pensar a urbanização cearense fora do contexto da metrópole. Foi quando você ingressou no MAG-UECE, e, como minha orientanda, propôs um estudo sobre a cidade média de Sobral, visto que você havia chegado a essa cidade como professora e, portanto, despertado para a busca de entendimento e das transformações em curso nesse centro urbano. Comecei, porém, a me interessar por essa temática em torno dos anos 1996, 1997. Vou falar de um momento que funcionou como marco dos estudos de cidade média no Brasil. Eu me reporto ao Simpósio Nacional de Geografia Urbana (SIM-PURB), ocorrido em 1997 na cidade de Salvador-Bahia. Naquela ocasião, a professora Maria Encarnação Sposito – aliás ela se referiu a esse fato em entrevista passada – reuniu, no intervalo das sessões do evento, um pequeno grupo que tinha interesse em estudar as cidades médias no Brasil e com o intuito de desenvolver propostas para futuros estudos. Eu estava ali e participei dessa reunião.

Dois anos depois, noutra SIMPURB, este em Presidente Prudente-SP, aconteceu a I Jornada de Pesquisadores sobre Cidades Médias, com parte do grupo que compareceu a Salvador há dois anos, além de outras pessoas. Essa atividade, que ocorreu no dia seguinte ao término do Simpósio, constou de uma mesa redonda na qual cada membro apresentava suas contribuições para pensar o tema proposto. Na minha participação, falei um pouco da nossa proposta de estudar as cidades médias cearenses e mostrei um material que havia trazido recentemente da França, publicado pela UNESCO, que se referia exatamente às cidades médias em alguns países. Poucos anos depois, publiquei, em coautoria com a professora Clélia Lustosa, o artigo *Olhando o mar do sertão: a lógica das cidades*

médias no Ceará. Nesse ínterim, realizei estudos sobre as cidades médias cearenses, juntamente com a equipe de pesquisadores do LEURC; orientei dissertações de mestrado sobre o tema, além de publicar artigos e livros. Evidencio, aqui, estudos sobre Juazeiro do Norte, Sobral, Crato e Iguatu, e as pesquisas de campo, principalmente, realizadas em parceria com o NEURB. Iguatu foi incluída no nosso roteiro de campo porque pretendíamos aprofundar os estudos sobre esse centro urbano do interior cearense, que, a nosso ver, constitui uma cidade média. Desse modo, além de Juazeiro do Norte, Sobral e Crato, entendo que Iguatu figura entre as cidades médias da rede urbana cearense.

Foi, sem dúvida, o desafio de entender a urbanização cearense fora do contexto da metrópole que justificou o meu despertar pelo estudo das cidades médias. Tudo isso, repito, associado às orientações de dissertações de mestrado sobre esse tema, a exemplo da sua, que foi fundamental para a formação do grupo de pesquisa sobre as cidades médias cearenses já comentadas.

Depois de uma breve pausa, retornei ao tema da metrópole e da metropolização. E agora estou aqui falando com vocês sobre cidades médias. Quais pontos destacaríamos na discussão que tem por foco essa escala do urbano? Em geral, os estudos sobre cidade média quase sempre têm início com a discussão conceitual, caminho também trilhado por nós, como você deve lembrar, Virgínia, resultando em artigo publicado em que procurei fazer esse debate. O tratamento conceitual é sempre recorrente, todavia, principalmente quando se trata do nível intermediário do urbano em face de suas alterações à extensão do processo histórico. Em artigo elaborado com a professora Clélia Lustosa, já citado aqui, situamos as cidades médias cearenses no contexto da divisão territorial do trabalho, ou seja, de acordo com três períodos: o agrário-exportador; o período de industrialização e formação do mercado nacional; e o período da reestruturação produtiva. No período agrário-exportador, a cidade média se estruturava mais em função da atividade agrícola regional como centro de coleta e de distribuição de produtos, como o algodão, para as zonas de exportação. Não havia, digamos, uma relação mais intensa com outras áreas, estando as relações da cidade mais restrita à sua hinterlândia. Sobral é um exemplo do que estamos falando e, dessa época, restou um rico patrimônio histórico.

O período seguinte, o da industrialização e consolidação do mercado nacional, é quando as regiões brasileiras, cuja produção estava direcionada ao mercado externo, integram-se mais efetivamente ao mercado interno, com a comercialização de produtos industrializados no Sudeste e implantação das primeiras plantas industriais com base nos incentivos fiscais da SUDENE. É o momento em que se rompem as chamadas, metaforicamente, “ilhas econômicas”, que constituíam as regiões brasileiras. A integração nacional se dá por meio da divisão inter-regional do trabalho com a expansão industrial do Sudeste, região fornecedora de produtos industrializados, e o Nordeste fornecedor de matérias-primas como o algodão, por exemplo.

É justamente com a criação da SUDENE que ocorreu a integração entre o Sudeste, principalmente, e o Nordeste, com suporte na indústria por ela incentivada. Esses espaços passam a se integrar internamente. O Ceará, antes exportador de matérias-primas, principalmente o algodão, direciona mais suas exportações para São Paulo. E o que vai acontecer com as nossas cidades? Elas vão crescer nesse período? As indústrias tradicionais de beneficiamento das matérias-primas regionais acabam fechando e são implantadas novas indústrias, principalmente na Região Metropolitana de Fortaleza. É um momento em que surgem nas cidades médias algumas indústrias baseadas nos incentivos fiscais, mas também o fechamento de indústrias tradicionais, como as têxteis e de beneficiamento de óleo de caroço de algodão, que caracterizam a fase primária exportadora, ou seja, algodoeira e pecuária.

Com a passagem do período agrário-exportador para a nova fase de unificação do mercado nacional, as cidades médias se dinamizam, tendo por base, sobretudo, as atividades terciárias com o incremento do comércio, mas também com a expansão dos serviços públicos de saúde e educação. Em síntese, essa unificação do mercado nacional e a dinâmica daí decorrente com suas contradições fazem com que elas adquiram características até então próprias das grandes cidades, materializadas na expansão das áreas periféricas, crescimento do mercado informal de trabalho, dentre outras. Vem-me à evocação um texto publicado, de autoria do professor Felipe Lacerda, no qual ele faz uma discussão, tendo por base, sobretudo, Mosoró, sobre as transformações em curso nas cidades médias nordestinas desde os anos de 1970.

E chegamos ao período da reestruturação produtiva, isto é, quando as cidades médias cearenses vão ter outra configuração com a transferência de indústrias do Sul e Sudeste do país, principalmente do ramo de calçados, para essas cidades com impactos significativos na dinâmica urbana de cidades como Sobral e Crato, por exemplo, que passaram a abrigar grandes plantas industriais. A dinâmica provocada pelo setor econômico, associada a outros fatores, instigaram os estudiosos do urbano, sobretudo desde o final dos anos de 1990, embora o interesse em compreender a escala média do urbano já viesse se delineando desde a década de 1970, consubstanciado em reflexões como as do professor Amorim Filho e da professora Maria Adélia de Souza. O enfoque sobre as cidades médias, nesse momento, foi tanto do ponto de vista analítico e conceitual, quanto na perspectiva de elaboração de uma proposta de implementação da política nacional de desenvolvimento territorial urbano, com o conhecido Programa de Cidades Médias dos anos de 1970. Depois, o tema da cidade média ficou um pouco esquecido, até que veio essa retomada no final dos anos de 1990 e que hoje os mais novos, como vocês, estão dando continuidade com discussões e produção de mais estudos.

A abordagem sobre as cidades médias também se desenvolveu em outros países, como a França, de modo que o tratamento deste tema no Brasil foi muito influenciado pela Geografia francesa. Como sabemos, a Geografia em geral, principalmente aquela feita na Universidade de São Paulo (USP), contou com a influência de geógrafos franceses desde a sua fundação. Nos anos de 1960, 1970, a reflexão sobre as cidades médias esteve em pauta naquele país europeu, mormente com destaque para a discussão conceitual, arrefecida um pouco depois, mas retomada nos anos de 1990 já numa perspectiva analítica, considerando a globalização, a competição entre cidades, mas mantendo-se a discussão sobre o papel desempenhado por essa escala do urbano, ou seja, o papel regional local das cidades médias. Devemos considerar, contudo, as diferenças em relação à nossa realidade. Então, vejo que a discussão conceitual foi realizada, mas que ainda continua muito desafiadora, e é pertinente, sobretudo, quando se considera a nova perspectiva da cidade média transpondo a dimensão regional, mas como cidade intermediária, o que leva à discussão cidade média ou cidade intermediária. Milton Santos (1979) enfatiza que a cidade média se define mais por sua atuação regional, portanto por sua hinterlândia, por sua área

de influência, enquanto que a cidade intermediária se define mais pelo papel articulador, de intercâmbio, pela maior oferta e diversificação de produtos. Ela se situaria mais no patamar entre escala de influência regional e as escalas nacional e internacional. Assim, a cidade intermediária teria uma condição de intermediação mais dinâmica entre as cidades, no sentido de inter-relações de mercados, além de outras. Acho que fazer essa discussão torna-se um desafio interessante para vocês.

Prof. Francisco Clébio Rodrigues Lopes (UVA): Qual a importância dessa temática, do estudo das cidades médias, para a Ciência Geográfica e, também, para as demais áreas do conhecimento que estão mais próximas a elas e que também discutem o urbano? Durante esses estudos, a senhora chegou a desenvolver uma metodologia própria?

Prof.^a Zenilde: A temática das cidades médias está tão “consagrada”, vamos dizer assim, como a que estuda a metrópole; mas existem outras temáticas que intento mencionar, já que você falou ser importante ouvir minhas experiências, as opiniões e o que penso e produzo na área de Geografia Urbana. Acho que tem outras temáticas que também chamam muita atenção dos estudiosos do urbano.

Estava relendo um artigo da geógrafa Susan Smith naquele livro *Geografia Humana*⁵, que todo mundo conhece, e que eu chamo de o livro dos ingleses, por ser uma coletânea de artigos produzidos por geógrafos de língua anglo-saxônica. Nesse artigo, que tem por título: “Geografia Urbana num mundo em mutação”, a referida autora faz uma discussão – acho que ela tem uma tendência mais pós-moderna, mas isso não vem ao caso – sobre as temáticas que a Geografia Urbana estava desenvolvendo naquele momento e que ela vai inclusive endossá-las. Ela fala da geografia feminista e antirracista e de uma série de temáticas que estão na “ordem do dia”, mas que, como sabemos, a Geografia Urbana tradicional não tratava.

Eles tiveram essa preocupação em estudar essas temáticas que nós não estávamos habituados na história da Geografia e na nossa prática geográfica, aqui no Brasil. Então, essas temáticas que são vistas por outras áreas não eram tratadas pela Geografia; mas essas discussões já eram feitas pela Geografia anglo-saxônica, e hoje estamos vendo o quanto elas

5 SMITH, S. J. Geografia urbana num mundo em mutação. In: GREGORY, D.; MARTIN, R.; SMITH, G. *Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

estão nos desafiando e o quanto é importante fazermos a discussão do racismo, por exemplo. Nesta pandemia, veio uma série de aspectos à tona que a Geografia, inclusive, já está abordando. A toda hora, vemos novidades, pessoas escrevendo artigos, *lives*, sobre temáticas relacionadas à população negra e outras pautas identitárias que estavam veladas. Efetivamente, representam pontos que – acho – a Geografia Urbana deve abraçar e pesquisar.

Entendo que, se você for trabalhar com a cidade média como recorte, talvez se possa enfocar também essas temáticas. A segregação, que já é muito conhecida pela Geografia Urbana, me parece que está vindo à tona agora, no Brasil, para se pensar também as cidades médias. Então, penso que esse é o momento para nós pensarmos por que o mundo está em mutação sempre, em transformação constante. Há momentos, entretanto, como este que estamos vivendo agora, em que as coisas realmente são muito mais nebulosas, muito mais complicadas e queremos entender o que está acontecendo. Há uma enxurrada de eventos, dormimos com uma ideia e no dia seguinte acordamos com outra novidade, enfim. Esse é o momento para repensar essas temáticas da Geografia Urbana. Essa é uma opinião pessoal. Rever exatamente quais são, de fato, os nossos interesses nesta área de estudo, porque o momento está pedindo e exigindo isso.

Quanto a cidade média e se tenho uma metodologia própria, vejo muitas sugestões metodológicas, ideias para trabalhar as cidades médias, mas uma metodologia preestabelecida; penso que não deveria existir, ainda tenho dúvidas sobre isso, se deveria existir uma metodologia específica. Acho que a metodologia utilizada deve ser aquela que trabalha a cidade e o urbano, na perspectiva da produção do espaço. Claro, porém, cada pesquisador tem a sua escolha, a maneira de trabalhar, própria de cada um. Quando penso em metodologia, o faço, evidentemente, também, na perspectiva teórica que todos adotamos, nas escolhas teóricas que fazemos. Claro que, quando o pesquisador propõe a realização de um trabalho, estabelece suas matrizes, faz suas propostas de como desenvolver as pesquisas, tanto de campo quanto de gabinete. Existe todo um instrumental para seguir e se orientar. Isso pode, sim, ser feito. Agora, entendendo a metodologia num campo mais amplo do pensamento teórico, vejo que nem deveria haver um caminho predeterminado, pois cada um tem sua base teórica.

Mesmo assim, para não deixar você sem resposta, ressalto a perspectiva de análise que parte da inserção das cidades médias em suas respectivas redes urbanas. No caso do Ceará, por exemplo – o que nos interessa – não houve grandes alterações na configuração de sua rede urbana, salvo no que tange à metropolização. Deixando, entretanto, a discussão da metrópole de lado, devo lembrar que as cidades médias atuais constituem os principais centros urbanos desde o período colonial, com exceção de Juazeiro do Norte. Nesse sentido, não houve mudanças, mas, no que tange à urbanização desses espaços, foram muitas as transformações.

Prof.^a Glauciana Alves Teles (UVA): Professora, com amparo em toda a sua experiência no campo de atuação e dos estudos sobre as cidades médias, o que aconselharia, hoje, para um jovem pesquisador?

Prof.^a Zenilde: Para responder a essa indagação, começo citando Pierre Bourdieu, importante sociólogo francês do século XX, que vocês conhecem. Em seu livro *O poder simbólico*⁶ (capítulo II), explanando aos seus alunos sobre o trabalho de pesquisa, ressalta o seguinte: “Nada é mais universal e universalizável do que as dificuldades”. Bourdieu refere-se às dificuldades, não no sentido de entraves, como a obtenção de dados, por exemplo, mas no sentido da produção do conhecimento, da constituição do objeto de pesquisa, da transformação de problemas comuns em “operações científicas”.

O que é necessário ao pesquisador? O que ele deve fazer com relação à pesquisa? Primeiro, ele precisa escolher um tema para pesquisar e que seja realmente de interesse científico. E, com amparo naquela escolha, ele irá também conhecer o que já foi escrito sobre o tema, para poder, então, avançar. Daí, considerando as ideias do Bourdieu, expresso ser o grande entrave que sinto, já que você falou da minha experiência, essa relação teoria-empíria. É a vinculação teoria e prática. Isso é um problema que vejo ser difícil de contornar. Às vezes, analisamos dissertações e teses muito boas, porém, nelas é nítida a separação teórico-empírico. Então, às vezes, é difícil fazer essa junção e essa é uma das maiores dificuldades, um dos maiores desafios, principalmente para os pesquisadores iniciantes.

6 BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro-RJ: Bertrand Brasil, 1989.

Outro desafio que também enxergo está no fato de que, ao partirmos de uma perspectiva teórica da escolha de uma teoria para trabalhar, e essa é uma visão de mundo, todos sabemos disso, mas, ao partir de uma escolha, parece já existir uma resposta daquilo que se vai pesquisar. Essa opção teórica não contém a resposta; é a pesquisa que deverá responder. Isto porque vou pensar na perspectiva da materialidade, da dialética, e não quer dizer que eu já tenha respostas. E me parece que isso atrapalha o desenrolar das pesquisas. As pessoas se adiantam em relação às respostas. Então, se você sabe a resposta por que pesquisar? Esse é um dos aspectos que considero como desafio ao pesquisador, além de outros, é claro.

Há uma certa “pressa” - diria - de modo a não se questionar, a aceitar aquilo que se considera verdade, sem maior aprofundamento. É preciso botar a mão na massa, ir para o campo, que é um desafio, descobrir mais coisas com o trabalho fora do gabinete, do nosso laboratório. Certos investigadores acham que basta ter internet à disposição e que tudo está resolvido, o mundo está à sua disposição e também as respostas. E isso, esse exagero, realmente atrapalha um pouco.

Penso que é preciso romper com esses entraves: a dissociação teoria-prática; um pouco desse comodismo, e, como diz Janine Ribeiro “[...] os alunos são vacinados contra o objeto”, e, no nosso caso, não valorizam

É preciso botar a mão na massa, ir para o campo, que é um desafio, descobrir mais coisas com o trabalho fora do gabinete, do nosso laboratório. Certos investigadores acham que basta ter internet à disposição e que tudo está resolvido, o mundo está à sua disposição e também as respostas. E isso, esse exagero, realmente atrapalha um pouco.

suficientemente a pesquisa de campo. Alguns alunos meus chegavam mesmo a questionar: “*Professora, você está sendo empirista, positivista*”. Eu não sou empirista, tampouco positivista; o que não sou é superficial. Não vou falar dos aspectos materiais nem de outras dificuldades, porque temos que conviver com elas. Elas fazem parte da nossa vida, como a falta de tempo, dificuldades financeiras, tudo isso existe, mas não entra nesse ponto que estamos discutindo. Não que eu não queira admitir essa realidade, não que eu não seja compreensiva em relação a essa problemática; mas estamos falando

aqui das dificuldades na senda do saber, da pesquisa, e da realização do conhecimento de um modo geral.

A Geografia tornou-se uma área muito respeitada, em decorrência dessa capacidade de seus pesquisadores em ir para o campo, de fazer pesquisa de campo e descobrir coisas, mas de um instante para outro, parece que abandonamos um pouco essa característica. Cito aqui o trabalho da professora Amélia Damiani com seus alunos, que trata das “derivadas”, que achei muito interessante. É importante pesquisar pontos que não são apenas referentes à urbanização, digamos “dominante”, mas, também, às resistências, aqueles aspectos não inseridos nessa lógica mais capitalista. São muitas dicas para vocês, para começarem a incentivar seus alunos a fazerem pesquisa de campo. O campo realmente é muito rico. Fico muito à vontade para falar isso, porque valorizo muito a discussão teórica, mas também lamento quando o campo não é entendido como uma etapa fundamental da pesquisa, do empírico, da descoberta.

Prof. Luiz Antônio: Só para fazer um complemento, já que a professora Zenilde sempre instiga o debate. Desse ponto de vista, seria uma dificuldade hoje dentro dessa abordagem teórica e metodológica dos estudos das cidades médias e pequenas. Existiria uma dificuldade, um entrave conceitual, metodológico em função das nomenclaturas, dos conceitos?

Prof.^a Zenilde: Ótima pergunta Luiz. Não colocaria entrave conceitual, de jeito nenhum! Chamamos “cidade média”, cidade intermediária. Milton Santos, conforme já falei, faz essa discussão no livro *Espaço Dividido*⁷, ao tratar dessas nomenclaturas: “cidade regional”, “cidade intermédia ou intermediária”. Tem muito essa questão da linguagem. Quem usa o termo *intermédia* são os geógrafos de língua espanhola. Há também a ideia de “cidade região”, “cidade polo”, portanto um conjunto de nomenclaturas que é preciso considerar. Isso não é entrave. Alguns autores utilizam *cidade média* como expressão sinônima de *cidade intermediária*. Outros dizem que a *cidade intermediária* é diferente de *cidade média*. A *cidade média* é aquela que está mais voltada para sua hinterlândia e que estaria mais inserida no contexto regional. E alguns ainda dizem que ela pode evoluir para uma cidade *intermédia* ou *intermediária*. Há uma discussão que não entra

7 SANTOS, Milton. *O espaço dividido* - os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1979.

em contradição, mas que confunde um pouco quem está se introduzindo na discussão conceitual sobre cidades médias. Acho que temos que questionar. Vou utilizar o conceito de *cidade média*, usar o conceito de cidade *intermediária* e, de acordo com os meus estudos, definir melhor.

O conceito – compreendo – não é estático e, nesse sentido, não vai ser essa confusão ou variedade de nomenclaturas que irá impedir ou atrapalhar o avanço de uma pesquisa. Você pode considerar Sobral, por exemplo, uma cidade média no sentido que nós comumente trabalhamos, levando em conta sua considerável influência regional, mas que, ao mesmo tempo, se articula com o mercado nacional. Nesse ponto, pergunto: ela se aproxima de uma cidade intermediária? É com suporte na análise da realidade que se irá dizer o que ela é. Agora se você chamar de cidade média ou intermediária, você terá que justificar a escolha. A meu ver, no entanto, isso não se reverte em problema. Eu acho, Luiz, é que essas confusões são geradas também pelos próprios processos e transformações por que as cidades passam. Como eu disse, Sobral tinha uma atuação mais limitada ao seu espaço de influência e, portanto, mais regionalizado. Depois, com essa nova fase de reestruturação produtiva, ela passou a ter uma relação de maior destaque em escala nacional que não possuía, ou, até mesmo, com a escala internacional. Então, é importante mostrar isso, mas essa discussão conceitual não está acabando, ela acompanha os estudos sobre as cidades médias.

E, reforçando o que afirmei, a discussão conceitual continua e, ao contrário, não deve ser considerada um entrave ao desenvolvimento de pesquisas sobre o tema. É interessante frisar que os estudos sobre as cidades médias começam, quase sempre, com essa preocupação conceitual. Os autores têm, de um modo geral, partido da pergunta: - O que é uma cidade média? Ou seja, como conceituar cidade média? Desse modo, ao envolverem por essa discussão, os aconselho a consultar estudos de geógrafos de língua estrangeira, mais especificamente, que escrevem em francês e espanhol. Acho fundamental fazerem essa incursão para entender as distintas abordagens conceituais e as contribuições de variados autores.

Prof. Antônio Cardoso Façanha (UFPI): Professora Zenilde, faço uma observação, reforçando um pouco a pergunta da Glauciana sobre algumas luzes que poderíamos expressar para as “novas gerações”. Recordar-

mo-nos bem de quando vamos fazer o resgate de algumas temáticas da existência, em até meados dos anos de 1970, de uma escassez muito grande de revistas no formato que chamamos de periódicos. Ou seja, era um número muito restrito para consulta e geralmente de formato impresso. Como exemplo, há os casos da *Revista Brasileira de Geografia* e da *Revista Teórica*. Então a senhora está nessa conjuntura, no âmbito desse período em que as referências ficavam muito mais longe de nossas casas.

Nos anos de 1980, quando se inicia a necessidade de os docentes se qualificarem, rapidamente repercutem no âmbito das universidades os periódicos impressos. Então, nos anos de 1980, os professores fazem mestrado e doutorado com a dificuldade já expressa, e só tínhamos os periódicos da década anterior, relatórios técnicos, a exemplo do IBGE, SUDENE e outros, e os periódicos impressos.

Eis que, no final dos anos de 1990, ganhamos a conjuntura dos periódicos eletrônicos que tiveram valor em detrimento dos livros, dos relatórios e do material impresso. Aí acabamos entrando nesse contexto junto aos programas de pós-graduação.

Queria, então, ouvir de você, assim, já que sua trajetória é marcada por todos esses três contextos do modelo impresso para o modelo eletrônico, quais as dificuldades encontradas? Quero saber também de onde vem essa sua energia de continuar com uma certa linearidade na pesquisa. As gerações mais novas só fazem buscas pelo eletrônico e esquecem a biblioteca. Praticamente, quase não se põe mais os pés nelas. Recordo-me de que,

É interessante frisar que os estudos sobre as cidades médias começam, quase sempre, com essa preocupação conceitual. Os autores têm, de um modo geral, partido da pergunta: - O que é uma cidade média? Ou seja, como conceituar cidade média? Desse modo, ao enveredarem por essa discussão, os aconselho a consultar estudos de geógrafos de língua estrangeira, mais especificamente, que escrevem em francês e espanhol. Acho fundamental fazerem essa incursão para entender as distintas abordagens conceituais e as contribuições de variados autores.

em alguns projetos de pesquisas, vinha escrito assim “visita à biblioteca”, no momento de descrever a busca pelos dados. E agora só colocam “visita em *sites* especializados e periódicos reconhecidos em A1 e A2” etc.

Prof.^a Zenilde: Você foi muito gentil na pergunta, Façanha, como sempre. Você falou em energia, mas será que eu tenho essa energia toda? Não sei, mas penso que é um conjunto de fatores que são responsáveis por essa força. Faço aqui uma referência para me sentir mais segura. Eu estava lendo o filósofo Bachelard, de quem eu gosto muito, e ele dizia que era um estudante e que se sentia assim a vida toda. E eu tenho essa impressão pessoal, também, em razão da minha ânsia de aprender e do entendimento de que estou sempre aprendendo, consciente de que não sei tudo e de que nunca irei saber. Acho que tenho um pouco disso, mas talvez eu tenha exagerado na dose.

Então, essa ânsia, esse desejo de aprender, faz com que eu me mantenha ativa. E o aprender, o aprendizado, é uma soma de muita coisa. Falei aqui que gosto de teatro, de cinema; e, também, que quando estudava na USP cursando o mestrado, tinha pouco dinheiro, mas que sempre sobrava um pouquinho do essencial para ir ao teatro e ao cinema. Isso porque eu também me alimentava da arte, que me fazia muito bem. Até hoje, não entendo como as pessoas vivem sem algo mais “leve”, ou seja, práticas dirigidas para essas áreas, para esses campos. O conhecimento não é adquirido só com a ciência, mas também com a arte, com o cinema, por exemplo, que tem relação estreita com a nossa prática geográfica.

Agora, me reporto mais ao acesso aos materiais de pesquisa. Tenho muita dificuldade com a leitura digital, agora que estou iniciando a fazer algumas leituras nesse sentido, infelizmente ainda tenho muita dificuldade. Eu gosto do livro, gosto da revista, gosto do papel, de riscar, de anotar. Quanto à passagem dos livros e periódicos impressos para os eletrônicos, você tem razão, quando se refere à escolha dos mais jovens. Quanto à minha opinião, considero que periódicos como a *Revista Brasileira de Geografia* é uma fonte preciosa de pesquisa. Ela foi no passado – e ainda é hoje – de modo que quem for fazer um estudo sobre rede urbana, cidade média, tem que consultar esses periódicos. Ela é uma fonte fundamental, não sei como as versões antigas estão hoje, se estão digitalizadas, mas não podemos descartá-las.

Quanto às dificuldades encontradas, compreendo que fui me adaptando a tudo isso e, em parte, a responsabilidade por essa adaptação veio dos alunos, procedeu dos orientandos e também dos alunos que não foram meus orientandos. Essa mudança é muito mais assimilada pelos estudantes do que por nós, que somos mais velhos. Então, há uma transmissão, pois eles assimilam e transmitem, para nós, que vamos formulando elos e cadeias. Acho que devo muito aos meus orientandos e alunos de modo geral, os de iniciação científica e, até mesmo, os de graduação, que me puseram o tempo todo em contato com as mudanças, porque eles são muito mais adaptáveis a essas mudanças que chegam para eles muito mais cedo e com maior facilidade do que para os da minha geração, por exemplo. Essa adaptação é resultado de tudo isso, mas defendo a valorização das fontes impressas.

Saindo um pouco da matéria e voltando a falar sobre a disposição dos alunos em relação a busca de dados, decerto, sou privilegiada por trabalhar com jovens, com novas gerações e, por tal pretexto, vivemos um processo constante de renovação de energias pelo contato com o novo, com o que é vivido pelas gerações do momento e que são bem diferentes da minha geração. Quem na minha geração poderia imaginar entrar na internet e ter acesso a tudo, ter tudo à mão, quando na minha época precisávamos peregrinar por vários lugares, ir no IBGE procurar dados, consultar revistas, fazer todo um trabalho manual e de deslocamento? Sob tal aspecto, essas mudanças são fundamentais para as nossas pesquisas, mas é importante mantermos a pesquisa em bibliotecas.

Prof.^a Rita de Cássia da Conceição Gomes (UFRN): Minha querida. Primeiro quero parabenizá-la pelo debate, pelas suas experiências, pelas contribuições que estamos fazendo a respeito das cidades médias, e minha participação é no sentido de contribuir com esse debate.

Quando você começou sua fala, citou sua ida para São Paulo e ver o Nordeste desde lá. Naquela época, as pessoas queriam olhar para o Nordeste, e acho que hoje ainda querem olhar assim, sempre vendo como se São Paulo fosse a referência, e nunca o Nordeste a partir dele mesmo. Isso é necessário para entendermos o diferencial do Nordeste e que talvez a discussão de cidades médias para nós é tão interessante, porquanto elas não obedecem à lógica das cidades médias paulistas, por exemplo, como

conversamos na fala da Carminha. Isso ficou muito claro o fato que as cidades têm diferenciais.

Tem um geógrafo que diz que a Geografia se faz no pé. Então, acho que hoje nos trancamos muito e digo muito a meus alunos que todos os momentos que nós estamos, seja nos nossos lares, estamos observando, nós precisamos ter um olhar geográfico para ver as mudanças, as transformações, para ver o que está acontecendo. Acho que isso ainda está faltando muito nessa juventude que está vinculada à telinha do computador, do aparelho celular. O Façanha levantou um aspecto bem interessante e que você situa muito bem. Somos do livro e do papel, apesar de já estarmos inseridos nesse processo. Precisamos ter essa óptica com maior objetividade para o nosso próprio objeto.

Proferi essa fala, mas não tenho nenhuma indagação. Fique à vontade se quiser comentar. E parabeno a você pela discussão.

Prof.^a Zenilde: Rita, muito obrigada pelas suas intervenções! É muito bom ouvi-la. Achei maravilhoso você dizer que a Geografia se faz no pé. A propósito, quando cheguei na França para conversar com meu orientador, uma das primeiras ações dele foi indicar-me um artigo que dizia que sem pesquisa de campo, sem questionário, você não tem direito à palavra. Eu, na época, espantei-me um pouco com aquela minha cabeça vinda de São Paulo, e que vocês podem imaginar, com a teoria da revolução na cabeça, não dei muita bola. Era um momento em que a Geografia brasileira estava vivendo, ou seja, de descoberta do pensamento teórico. Bom, eu tomei um susto, tanto que não entramos muito em acordo e eu fiquei apavorada achando que aquela indicação reforçava a visão empírica.

Depois eu passei por essa mesma situação. Atualmente, me situo no lugar do meu orientador de doutorado e vejo os meus alunos no meu lugar. Eu não valorizei muito porque eu queria dar mais ênfase à teoria. E hoje brinco com meus alunos e digo para eles pararem de “diletantismo” e eles até riem quando digo isso. Parem com esse diletantismo, porque ficar lendo e discutindo muitos autores eu sei que dá trabalho, mas é muito estimulante e agradável, porém é também gostoso ir lá botar o pé no campo, mas parece que para eles dá muito mais trabalho. É fabuloso você pegar um livro, ficar lendo, ficar riscando, anotando. Agora, tentar fazer essa conexão entre o que você lê e a realidade requer um grande esforço. É um esforço

necessário, mas que tenho sentido certa dificuldade por parte dos alunos, mas que felizmente está sendo compreendido.

Em alguns casos, o aluno valoriza bastante o trabalho de campo. O Luiz Antônio, aqui presente e que foi meu orientando de doutorado, demonstrou no percurso de sua tese muito empenho em relação à pesquisa de campo. Às vezes, quando me dava conta, ele estava na Bahia ou em Pernambuco, fazendo observações de campo, ou seja, levantando dados nas feiras, seu objeto de estudo. Cheguei a acompanhá-lo algumas vezes como orientadora, pois fazia questão de acompanhá-lo. A Virgínia, que era a coorientadora da pesquisa, também o acompanhou algumas vezes; mas era ele que elaborava toda a programação das viagens, ele que descobriu as feiras na Bahia e, portanto, ele é um dos poucos exemplos de alunos que tiveram essa ousadia de buscar o empírico, de ir atrás e colocar o pé na estrada.

Passei por isso, também. Tenho que fazer essa autocrítica, porque achava que só a teoria dava conta de tudo, que só fazendo a discussão mais teórica seria necessário para a realização de um trabalho. Claro, existem pessoas que têm o conhecimento necessário para assim proceder, que já estão numa fase de produzir, sem a preocupação maior de fazer trabalho de campo. A maioria, porém, ainda precisa fazer isso. São poucos os que produzem teoria pura. Os alunos pesquisadores realmente precisam da interface teoria e prática para poderem, inclusive, avançar. Agradeço muito pelas suas observações.

Prof. Heronilson Pinto Freire (UERN): É um prazer estar aqui, dividindo um momento tão produtivo que é ouvir a professora Zenilde; Dizer obrigado a ela por todos os momentos em que me ensinou e de sua importância para minha formação. Ela foi minha professora na graduação na última disciplina e fazia uma parceria brilhante com a nossa querida professora Claudia Granjeiro. Elas tinham uma parceria incrível para ministrar as disciplinas Teoria e Método em Geografia Humana e Teoria e Método em Geografia Física.

Convivo com a senhora já há um tempo e percebo que uma das suas grandes características é a sua curiosidade. Você é uma mulher muito curiosa no sentido de gostar de querer compreender, não se conformar só pelo que está vendo, pois gosta de ir atrás. E isso nós percebemos muito, por exemplo, nos trabalhos de campo na época do LEURC, em que visita-

mos as cidades médias. Fomos para Iguatu e lembro-me de que, na época, nos questionávamos do porquê estudar Iguatu, se ela nem se classificaria no critério populacional como uma cidade média. Aí, porém, a professora Zenilde sempre dizia que tínhamos que ir lá pesquisar e entender as dinâmicas urbanas e refletir sobre elas.

Peço apenas que a senhora reflita um pouco e me diga como é que está a rede urbana cearense, hoje. Acho que uma das referências para estudar a rede urbana no estado do Ceará sempre foi a professora Zenilde, porque suas reflexões constantemente contribuíram com esses estudos.

Prof.^a Zenilde: Heron, agradeço a sua participação e generosidade. Devo dizer que, às vezes, até me esqueço de que você não foi meu orientando. Você faz parte, de coração, da “lista” dos meus orientandos. Agradeço a sua pergunta e o carinho, quando ressalta essa minha curiosidade. E, tentando responder-lhe, eu talvez seja mesmo essa pessoa curiosa, pois considero a curiosidade como um ato de busca.

Quanto à reflexão sobre a rede urbana, deixei para o final e agradeço ao professor Wagner Amorim (UECE), que me enviou ontem um *link*, no grupo do LEURC, sobre o Estudo das Regiões de Influência das Cidades (REGIC) que saiu ontem mesmo. Voltando, porém, às observações do Heron. No momento em que fomos estudar Iguatu, descobrimos – não sei se você lembra, nós estávamos fazendo pesquisas junto às vans – que havia uma relação muito forte entre Iguatu e Juazeiro do Norte.

Você sabe o que o REGIC nos trouxe? Que Iguatu se articula mais com Juazeiro do Norte do que com Fortaleza. Estávamos no caminho certo em nossas pesquisas. Isso para mim foi fantástico. Então, há uma articulação entre as duas cidades e nós entendemos naquele momento por que Iguatu tinha essa relação tão forte com Juazeiro do Norte e achávamos que era uma relação mais nos moldes *christalianos*, muito enraizado em nossas cabeças; mas não só. Algumas pessoas saíam de Juazeiro do Norte para fazer consultas médicas em Iguatu, uma cidade menor, para comprar lentes de contato e outros objetos, e achamos aquilo muito interessante. Agora o REGIC expressa que Iguatu tem essa relação fortíssima com Juazeiro do Norte. Lógico que há a questão da proximidade, mas não era de se esperar que suplantasse a relação com Fortaleza.

Quanto às mudanças na rede urbana cearense, em termos gerais, como eu já disse, penso que houve poucas mudanças no sentido de alterar os já conhecidos espaços urbanizados. O que mudou foi que cidades médias, de um modo geral, cresceram e se tornaram bem mais complexas; e isso você mostrou em sua tese, quando abordou a relação entre o Ensino Superior e as dinâmicas territoriais das cidades médias do Rio Grande do Norte.

É interessante ressaltar que, conforme a classificação do REGIC, o Ensino Superior constitui o principal fator na definição da centralidade de Sobral. Essa constatação reforça mais ainda o interesse na elaboração de estudos sobre o Ensino Superior nas cidades médias e, portanto, um desafio para novos estudos.

São mudanças interessantes. Vale a pena esmiuçar mais o REGIC, porque ainda tem coisas que são bem instigantes para nós. Vocês sabem qual a cidade do Ceará com centralidade definida, especificamente, por deslocamentos para a compra de calçados e vestuário conforme o REGIC? Pois bem, é Ipu, que figura entre outros centros urbanos brasileiros nesse setor. Vejam as novidades e desafios em relação às transformações na rede urbana do Ceará o que nos instiga a novas pesquisas.

Já Itapipoca, que consideramos em transição para cidade média, cabem estudos mais detalhados. Mas no caso de Iguatu, o REGIC já a classifica como Centro Sub-regional, mas compondo a área de influência de Juazeiro do Norte. O REGIC está bem interessante, vocês devem consultá-lo e só para informar os índices de atração das cidades consideradas na nova versão desse estudo, são: Ensino Superior, compra de vestuário e calçados, móveis e eletrodomésticos, serviços de saúde de baixa complexidade, atividades culturais e aeroportos.

De um modo geral, Heron, e como eu já disse, não houve alteração no tocante à distribuição das principais cidades que compõem a rede urbana cearense. Quando se faz a sobreposição da rede de estrada de ferro, construída no período do algodão e as infovias modernas, percebe-se que são os mesmos nós das redes, mas que os pontos constituídos pelas cidades passaram por grandes transformações. Acho que é isso, fica com vocês o desafio do pensar e pesquisar.

Prof.^a Virgínia: Gratidão, Zenilde!

Prof.^a Zenilde: Agradeço e me coloco à disposição de vocês.



Este livro foi composto em fonte Swis721 Cn BT, impresso no formato 15 x 22 cm em offset 75 g/m², com 262 páginas e em e-book formato pdf.

Impressão e acabamento:

Abril de 2022.

**Saiba como adquirir o livro
completo no site da SertãoCult**

www.editorasertaocult.com

Editora

**SER
TÃO
CULT**

Série
Território
Científico

SER
TÃO
CULT

O que nasceu como uma tentativa de aproximar pesquisadores de diversas áreas, de mobilizar os membros do Conselho Editorial da SerçãoCult na elaboração de um material que exprimisse a capacidade da editora em produzir obras com qualidade técnica e com relevância acadêmica, tornou-se um sucesso logo em sua primeira edição.

Após o lançamento do volume Diálogos sobre a Ditadura, que reuniu alguns dos maiores pesquisadores sobre a temática no Brasil, a série Território Científico chega ao seu segundo volume elaborado a partir de uma parceria com os profissionais na sua maioria da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe) que participaram do Grupo de Estudos - Abordagens teóricas e metodológicas nos estudos das cidades médias e pequenas, organizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional - GEPPUR e o Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais - LEURB/UVA no ano de 2020. Eis a obra “Trajetórias de pesquisadores e os estudos das cidades médias em perspectiva”.

É gratificante concluirmos mais esta contribuição para a comunidade científica, apresentando as trajetórias de algumas das maiores referências da Geografia Urbana brasileira, que no contexto da pandemia da Covid-19 ficaram tão fisicamente distantes, mas nunca tão próximos, unidos através da tecnologia, que permitiu a troca de experiências com colegas de diferentes regiões do país.



ISBN 978-856796088-3



9

788567

960883